



As velhas de Abaetetuba: reflexões sobre gênero, sexualidade e envelhecimento em contos ifnopapianos

Andressa de Jesus Araújo Ramos (UFPA)¹
(adjaramos@gmail.com)

Resumo: De acordo com Pires (2006), a sociedade espera que a mulher velha seja inútil, vulnerável, e por vezes, inferior, desempenhando o papel de anciã assexuada e assumindo obrigatoriamente o estigma. O preconceito social atualmente parece autorizar apenas aos mais jovens usufruir dos prazeres da sexualidade, enquanto às velhas (os), sobra-lhes crer que não podem ou não devem ter uma vida sexual, dado que todas demonstrações afetivas delas (es) são enxergadas com algo imundo e censurado, ou ainda, relacionado ao ridículo e à indecência, principalmente quando se trata da velha. Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo é o de refletir sobre a sexualidade da mulher velha em duas narrativas orais da Matintaperera, recolhidos na cidade de Abaetetuba pelo “Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” (IFNOPAP). O referencial teórico deste estudo ampara-se em: Beauvoir (2018), Freud (2016) e Salgado (2002)

Palavras-chave: Contos ifnopapianos; Matintaperera; Sexualidade; Envelhecimento; Gênero.

Abstract: According to Pires (2006), society expects the old woman to be useless, vulnerable, and sometimes inferior, playing the role of the asexual old woman and obligatorily assuming the stigma. The social prejudice nowadays seems to authorize only the younger ones to enjoy the pleasures of sexuality, while the old ones believe that they cannot or should not have a sexual life, since all their affective demonstrations are seen as something filthy and censored, or even related to ridicule and indecency, especially when it comes to the old woman. In this sense, the general objective of this article is to reflect on the sexuality of the old woman in two oral narratives from the Matintaperera, collected in the city of Abaetetuba by the "Imaginary in Popular Oral Narrative Forms from the Paraense Amazon" (IFNOPAP). The theoretical framework of this study is supported by: Beauvoir (2018), Freud (2016) and Salgado (2002).

Keywords: Ifnopapian tales; Matintaperera; Sexuality; Aging; Gender.

Introdução

De acordo com Frugoli e Magalhães júnior (2011), a falta de conhecimento da sexualidade da mulher velha é uma das principais razões que colaboraram para uma visão preconceituosa de que a anciã é um sujeito assexuado, pois criou-se o estereótipo, segundo

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Teoria Literária (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA- 2020), vinculada a linha de pesquisa: Literatura, Memórias e Identidades.



Pires (2006), de que as velhas têm cabelos brancos, são muito religiosas e sérias, respeitáveis e benevolentes, apegada aos netos e ao ambiente privado, voltadas unicamente ao espaço doméstico. A idosa que foge a esses padrões normativos impostos pela sociedade é concebida, muitas vezes, como velha assanhada e indisciplinada, outras vezes é vista como uma velha caduca.

Salgado (2002) esclarece que a cultura hispano-americana, sobretudo, concebe a sexualidade da anciã como fonte de comicidade, sendo considerada ridícula e inapropriada. E esse preconceito ocorre, comumente, ao equiparar de maneira errada a sexualidade feminina a sua capacidade reprodutiva. Essa discriminação para com a velha está intimamente ligada “[...] ao sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem” (SALGADO, 2002, p.12). Dentro dessa condição, isto é, no esforço das mulheres de serem belas e atrativas a aproximação delas com velhice resulta em algo assustador e temível, pois elas têm sido treinadas para “[...] temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento” (SALGADO, 2002, p.12).

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a sexualidade feminina na velhice em dois contos recolhidos em Abaetetuba pelo IFNOPAP. Trata-se de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, cuja metodologia consistiu em: a) estudo do envelhecimento feminino; b) investigação da sexualidade da mulher na senescência; c) leitura dos quatro livros *Santarém conta...*, *Abaetetuba conta...*, *Belém conta...* e *Bragança conta...*; d) seleção de duas narrativas para serem examinadas; e) análise literária dos contos selecionados. O referencial teórico deste trabalho ampara-se em: Beauvoir (2018), Freud (2016) e Salgado (2002)

Este artigo apresenta, além desta introdução e das considerações finais, duas seções, a primeira, intitulada “**Envelhecimento feminino**” reflete a velhice de forma geral e, em seguida, o envelhecimento feminino, a segunda, por sua vez, denominada “**A sexualidade feminina na velhice nas vozes dos narradores ifnopapianos**” apresenta a análise literária de dois contos recolhidos pelo IFNOPAP na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará.

Envelhecimento feminino



A velhice é uma temática que, nos últimos anos, tem ganhado espaço nos debates internacionais em diversas áreas do conhecimento, especialmente na área da Medicina, da Enfermagem e da Psicologia. Entretanto, constatamos, em nossas investigações, nos Repositórios Institucionais on-line das renomadas Universidades que são pouquíssimas as teses, sobretudo, nos Cursos de Doutorado em Letras (Literatura) que abordam essa etapa da vida humana, estudos esses tão reduzidos que são possíveis contarmos a dedo. Essa escassez de estudos nos mostra que estamos deixando de desenvolver nossa função social, enquanto literários que é a de humanizar os sujeitos através dos textos literários, pois conforme afirma Antônio Candido “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1989, p. 117). Nesse sentido, as teses que encontramos apresentam uma visão clínica e não humanística da velhice e nós enquanto pesquisadores da velhice e/ou envelhecimento queremos inserir o velho “[...] em uma linha humanística, que ele faça parte da linha de vida de toda pessoa” (ZIMERMAN, 2007, p. 09), pois, os longevos são:

[...] a nossa história, e nada existe sem uma história anterior. [...] Quero estar junto ao velho, senti-lo, entendê-lo, respeitá-lo, procurar soluções para seus problemas e deixa-lo caminhar conforme pode. Quero ajudar a acabar com os mitos em relação à velhice e estar ao lado do velho em todos os momentos, até seu leito de morte. Convido todos os leitores para fazerem isso junto comigo. (ZIBERMAN, 2007, p. 09)

Sobre a senescência, um fenômeno deve ser considerado que é o da feminização ou a feminilização da velhice. Menezes (2017) salienta que o envelhecimento, dada a sua diversidade uma questão de Gênero, tanto pela ampliação quantitativa de mulheres nessa etapa da vida, quanto por vivenciarem acontecimentos ainda mais complexos pela sua condição de Gênero. Nesse sentido, essa manifestação é um processo constante que tem se desenvolvido em todo o País, visto que:

A classe, o gênero e a raça são influências importantes na experiência do envelhecimento. Por exemplo, o envelhecimento é um fenômeno relacionado ao gênero. As mulheres tendem a viver mais do que os homens, fazendo com que os mais velhos sejam na maioria “mulheres”. Os anos posteriores são muito influenciados por experiências anteriores na vida por causa das responsabilidades domésticas e maternais, as mulheres em geral



participam menos que os homens do trabalho remunerado. Elas também recebem pagamentos mais baixos. (GIDDENS, 2005, p. 147).

Como a mortalidade masculina é maior, segundo Menezes (2017), do que a feminina, a quantidade de mulher tem ultrapassado a de homens, demonstrando, por meio de censos e dados estatísticos, que a velhice tem, gradativamente, se feminilizado. O motivo é que o público velho já se destaca como majoritariamente feminino. Conforme a Síntese de Indicadores Sociais (SIS), em “Uma análise das condições de vida da população brasileira”, publicado em 2016 pelo IBGE são “[...] 34 mil mulheres acima dos 60 anos, contra 28 mil homens na mesma idade” (MENEZES, 2017, p. 163-164). Contudo, apesar de o número de mulheres ser superior ao de homens, as mulheres apresentam, de acordo com Menezes (2017), uma qualidade de vida inferior à do homem, não somente pelos perigos biológicos relacionados ao sexo, mas também por conta das condições sociológicas, trazendo à baila repercussões relevantes nos debates por políticas públicas específicas.

Sobre o envelhecimento feminino, Debert (1994) defende que as mulheres velhas são duplamente discriminadas, por serem mulheres e por serem velhas. Beauvoir (2018) explica que os poetas latinos descreviam a mulher velha de forma intolerável, já que na percepção deles, ela estava associada a feiura. Para o poeta lírico e satírico romano Horácio:

A aparecia da mulher idosa é hedionda: “Teu dente é preto. Uma antiga velhice cava rugas em tua fonte...teus seios são flácidos como as mamas de uma jumenta”. Ela cheira mal: “Que suor, que horrível perfume se desprende, por todo lado, dos seus membros flácidos” (BEAUVOIR, 2018, p. 128-129).

Beauvoir (2018) salienta que a repulsa pela mulher velha sucede porque ela foi destinada a ser, na visão do homem, um objeto sexual e a partir do momento, no qual se torna envelhecida e feia perde o seu espaço, o qual foi determinado pela sociedade, tornando-se assim “[...] *um monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo” (BEAUVOIR, 2018, p. 129).

Beauvoir (2018) acentua que tanto na Antiguidade quanto no folclore, a mulher velha é constantemente associada a uma feiticeira. François Rabelais retrata a sibila de Panzoust



com características de uma anciã em condição deplorável, visto que estava “[...] malvestida, malnutrida, desdentada, remelosa, curvada, nariz escorrendo” (BEAUVOIR, 2018, p. 158).

Para entender a sexualidade feminina da mulher na velhice decidimos analisar dois contos da Matintaprera. Sendo assim, na próxima seção, apresentaremos análise literária de duas narrativas orais da Matinta, que foram recolhidas pelo IFNOPAP na cidade de Abaetetuba no estado do Pará.

A sexualidade feminina na velhice nas vozes dos narradores ifnopapianos

“Fiu! Fiu” e “Fióte” integram a coletânea de contos de *Abaetetuba conta...* e foram recolhidos na cidade de Abaetetuba pelo IFNOPAP. Esse projeto está integrado a Universidade Federal do Pará (UFPA) e engloba, de acordo com Sousa (2014), diferentes áreas do conhecimento, como: a Literatura, a Arqueologia, a Linguística, a Sociologia, a Antropologia, dentre outras, idealizado pela professora Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e pelo professor Christopher Golder, ambos da UFPA. A idealizadora conta que em 1994, o IFNOPAP iniciou a proposta de recolha das lendas e dos mitos da Amazônia. Trabalho esse que obteve auxílio de pesquisadores, docentes, bolsistas e profissionais de “[...]diversas áreas do conhecimento, levou ao patamar em que hoje se encontra, ou seja, uma proposta institucionalizada, com o formato de Campus Flutuante” (SIMÕES, 2010, p.10).

Segundo Simões (2010), o projeto visou, inicialmente, agregar as inúmeras formas “[...] de narrativas orais contadas pelo amazônida [...] numa tentativa de ‘mapear o que se conta no Pará’, para preservação da memória da região” (SIMÕES, 2010, p. 10). Dessa maneira, em 1994, o projeto iniciou

[...] com formato de Programa de Pesquisa, tendo sido implantado em seis dos oito Campi Universitários do Interior. Os municípios atingidos foram: Santarém, Castanhal, Abaetetuba, Bragança, Marabá, Cametá, e o Campus-sede da UFPA em Belém. O sistema de Campi Avançados constituiu a estrutura adequada para pesquisa de tão grande alcance, permitindo uma ampla cobertura do território paraense, envolvendo grande número de professores e de estudantes de todas as microrregiões do Pará. O material recolhido possui uma riqueza e diversidade ímpares. Tal fato propiciou inúmeras propostas, organizadas em subprojetos de várias áreas de pesquisa, principalmente, dos Centros de Letras, Ciências Humanas e Educação. (SIMÕES, 2010, p. 10-11).



Para Sousa (2014), o IFNOPAP foi e continua sendo uma temática de muitas pesquisas, em vários níveis de estudo, desde monografias e dissertações até teses de doutorado. O projeto tem, conforme Sousa (2014), um gigantesco acervo de narrativas orais, que foram recolhidas no nordeste da Amazônia paraense. O projeto possui vários livros publicados, dentre eles, *Santarém conta...*, *Belém conta...*, *Abaetetuba conta...* e *Bragança conta...* Além disso, o IFNOPAP promoveu, segundo Sousa (2014), o estudo e a publicação do primeiro *Dicionário da língua indígena Asurini*, inicialmente, escrito na língua original e posteriormente traduzida para a Língua Portuguesa. O projeto conta também com um acervo carregado de artigos em circulação, bem como realizou de oficinas e mini-cursos.

O IFNOPAP produziu e ainda vem produzindo diversos materiais audiovisuais, tais como, vídeos e também curta metragem em âmbito nacional, *cd's-rom* veiculados e subprojetos. O projeto, juntamente com a Na Cuia Produtora Cultural lançaram, em 2020, o *podcast* “Conto Ribeirinho”, que transportou as narrativas para a internet, em um formato mais moderno e acessível, com o intuito de resgatar as narrativas orais coletadas ao longo de seus 25 anos de existência e disseminar essas histórias de forma singular e envolvente.

Na notícia publicada na página da UFPA, *Podcast* “O Conto Ribeirinho” foi o primeiro da série de quatro *podcast* que produzidos pela Na Cuia Produtora Cultural, em parceria com o Projeto integrado IFNOPAP e a Rádio Web UFPA, como fruto do Prêmio Proex de Arte e Cultura/2019, todos trazendo especificidades da cultura amazônica.

A temática do primeiro episódio foi a famosa Matintaperera. A equipe percebeu que, entre as narrativas do IFNOPAP, essa história se repetia várias vezes, contudo suas características mudavam de localidade para localidade. O EP apresenta narrativas recolhidas em 1994, nas cidades de Abaetetuba e Ananindeua. Os áudios históricos são costurados por meio de uma narração cativante, que conduz o ouvinte para dentro dos enredos.

Atualmente, o IFNOPAP é referência para os pesquisadores que possuem interesse em estudar as narrativas orais da Amazônia. O projeto passou do caráter regional para o internacional e interdisciplinar. A coordenadora, embora esteja aposentada pela UFPA, continua ainda bem atuante, por conta do interesse de diversos pesquisadores em estudar as narrativas orais da Amazônia.



No conto “Fiu! Fiu!” Manoel P. da Fonseca apresenta-nos a história de Dona Laura, uma mulher de 70 anos, que se transformava em Matintaperera. Conta a narrativa, que Raimundo ficou sabendo que a anciã estava muito mal em sua casa e, como era costume dos mais antigos socorrer quem estivesse “doente ou morrendo”, resolveu sair do trabalho e ir direto à casa dela, para prestar-lhe auxílio. Contudo, no meio do caminho ela pulou:

[...] Pah! E suspendeu a bunda pra cima e a saia, e acendeu a bunda pro lado dele e fez assim: -Fiu, Matintaperera! Aí, ela se endireitou e disse: -Agora vai contar, ouviste?. Ele agarrou, ele veio embora, diz ele que não sabe como não caiu o atorá da costa dele. (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 21).

Como observamos acima, a narrativa de Manoel P. da Fonseca apresenta uma Matinta, que não segue um perfil tradicional de velha, associada, muitas vezes, a uma bruxa medieval, mas de uma idosa cheia de energia, vitalidade e agilidade, tanto é que ela, superou as expectativas de Raimundo, pulando em sua frente e ainda o desafiando “Agora vai contar, ouviste?” (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 21). Essas e outras atitudes da Matinta acabam evidenciando um certo protagonismo feminino na velhice, pois a coloca não como um sujeito frágil, mas forte, não como doente, mas saudável, não como deprimida, mas feliz. Além disso, o conto revela que ela não escondeu e nem sentiu vergonha de seu corpo transformado, mas o revelou, provando que a velhice não interfere na sexualidade da mulher, pois como vimos, foi estabelecido um protótipo de velho (a) e como sujeitos assexuados.

O conto “Fióte”, por sua vez, relata a história de uma velha, a qual não tem seu nome divulgado na narrativa, mas que surge no meio de um trajeto de um grupo de músicos de uma orquestra, que estão a bordo de uma canoa, pedindo carona. Entretanto, eles não sabiam que ela tinha o fado de se transformar em Matinta (o fado seria o destino preestabelecido ainda no útero materno através de uma força sobrenatural). Então por não saber da sina, eles deram carona a idosa e eles saíram e foram embora “[...] remando, remando” (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 175) e de repente ela “[...] virou a bunda pra cima e deu um assobio–Fióte! Matintaperera. Ela fez” (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 175). Revela o conto, que o assobio foi tão alto que todos caíram na água e quando forma se recompor “[...] a velha estava sem a cabeça. Estava só o corpo da velha” (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 175). Esse e o outro conto, têm em comum o fato de a Matinta não esconder seu corpo, por estar



envelhecida, mas o revelar, buscando querer ser olhada e desejada pelo outro. Outro ponto em comum é que em ambas as histórias, as matintapereras assobiavam não pela boca, como nas narrativas tradicionais, mas pelo ânus, estabelecendo assim a *alteridade* (boca-ânus). A filósofa do Rio Grande do Sul, Marcia Tiburi, afirma que essa analogia entre o ar que sai pela boca e o que sai pelo ânus confirma “[...] uma ideia de alma, no sentido primitivo, como o último suspiro, quando seria explorada a vida” (TIBURI, 2004, p. 62). A relação boca-ânus é retratada na psicanálise, quando Freud, em sua obra *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos* explica, a partir de Abrahan que o “[...] o ânus corresponde embriologicamente à boca primitiva, que migrou para o final do intestino” (FREUD, 2010, p. 178).

Um dado novo que tem na narrativa “Fióte” que não se encontra na “Fiu! Fiu!” é o fato de a Matinta perder a cabeça, o que faz lembrar de um outro mito, o da mula sem cabeça, que nas palavras de Pereira (2007), trata-se de uma mulher que foi amaldiçoada por realizar um ato transgressor, o de namorar um padre e, por esse motivo, toda passagem da quinta para sexta ela vai a um cruzamento para se transformar em um burro. Após essa mudança da mulher em besta, ela percorre setes povoados, durante toda a noite e se topar com alguém, consume seus olhos, unhas e dedos. Sendo assim, essa entidade aparece como “[...] um animal inteiro, forte, lançado fogo pelas narinas e boca, onde tem freios de ferros” (PEREIRA, 2007, p. 20). A partir destas informações é possível estabelecermos três aspectos comuns entre ambas. O primeiro deles concerne à metamorfose do humano em um ser sobrenatural, o segundo, por sua vez, é a associação da metamorfose ao pecado, por fim, o terceiro é o fato de ambas não terem ou, em algum momento da narrativa, perderem a cabeça.

Como vimos, os resultados parciais de nossa pesquisa de Doutorado que está em andamento revelaram um novo olhar sobre a velhice feminina que não vem carregado de preconceitos e nem estereótipos, mas de novidade, alteridade e liberdade, refletindo assim sobre a sexualidade da mulher na velhice, através de duas narrativas orais da Matintaperera recolhidas na cidade de Abaetetuba pelo IFNOPAP.

Considerações finais



O objetivo geral deste artigo foi o de refletir sobre a sexualidade da mulher velha em duas narrativas orais da Matintaperera, recolhidas na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, pelo IFNOPAP, que fazem parte do livro *Abaetetuba conta*, o terceiro livro publicado pelo IFNOPAP em 1995.

Iniciamos a primeira seção refletindo sobre a velhice e/ou envelhecimento de forma geral, a ausência de estudos sobre o tema e, em seguida, demos ênfase à velhice feminina. Para tanto, amparamo-nos em estudos de Zimmerman (2007), Menezes (2017), Giddens (2005), Debert (1994) e Beauvoir (2018).

Na segunda seção traçamos para o projeto IFNOPAP uma linha do tempo, na qual explicamos o início dele, seus idealizadores, suas finalidades, seus apoios, os livros publicados até os dias atuais, bem como a sua contribuição para a academia, cultura e sociedade. Em seguida, apresentamos análise literária, primeiramente do conto “Fiu! Fiu!” e depois do “Fióte”, discutindo suas semelhanças e diferenças.

Acreditamos que alcançamos o nosso objetivo geral e que esta pesquisa contribuirá grandemente para os estudos da velhice atrelada a sexualidade e gênero. Tema esse que é pouco conhecido, discutido e, principalmente, publicado, pois a sociedade, em geral, compreende, de forma preconceituosa, o idoso como um sujeito assexuado. Porém, nossa função enquanto literários que somos devemos exercer nossa função social que é, de acordo com Candido (1989), a de humanizar os sujeitos, através dos textos literários e, nesse contexto, refletir sobre a figura do idoso, que é esquecida pela literatura, pela mídia, pela cultura e, sobretudo, na sociedade.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In. FESTER, A. C. R. (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1989.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento: Os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n.3, p. 33-51, 1994.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria [O “caso dora”] e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São



Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. [Tradução de Paulo César de Souza]. Companhia das letras, 2010.

Frugoli, A. ; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira . A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR (Impresso)**, v. 15, p. 85-93, 2011.

GIDDENS, Anthony. Sociologia do Corpo: Saúde, Doença e Envelhecimento. In: **Sociologia**, 128-149. Porto Alegre (RS): Artmed, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MENEZES, Kelly Maria Gomes. **Agora é a minha vez de ir pra escola!**: os desafios na educação para mulheres velhas em um Programa de EJA, em Fortaleza – Ce. 2017. 232f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.

PEREIRA, Maria Antonieta Pereira/ **Lendas e mitos do Brasil** Coord. Ed. Maria José de Castro Alves. Belo Horizonte – 2007.

PIRES, R. C. C. A.. Sexualidade Feminina, envelhecimento e Educação: algumas aproximações necessárias. **Linhas (Florianópolis. Online)**, Brasil, p. 1 - 7, 19 jul. 2006.

QUEIROZ, M. et al. Representações sociais da sexualidade entre idosos. **Rev Bras Enferm.** v. 68, n. 4, p. 662-7, 2015.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. MULHER IDOSA: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 4, pp. 7-19, 2002.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão. Lendas e Mitos da Amazônia. Revista **Litteris Literatura**, p. 10 - 25, 2010.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão; GOLDER, Christophe. (Org.). **Santarém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995a.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões; GOLDER, Christophe. (Org.). **Belém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995b.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões; GOLDER, Christophe. (Org.). **Abaetetuba conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995c.



SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão (Org.). **Bragança conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 2016.

SOUSA, Greubia da Silva. **Dos Grimm ao IFNOPAP: entre o ouvido e o traduzido.** 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia -PPGLS), UFPA, Bragança, PA.

TIBURI, Marcia Angelita. Descartes e Beckett ou sobre a escuridão da certeza. Pequeno experimento de submetateoria, protometateoria, metaprototeoria à procura de um método. In: Ricardo Timm de Souza; Rodrigo Duarte. (Org.). **Filosofia &** Literatura. 1ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, v. 1, p. 35-69.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: aspectos biopsicossociais.** Porto Alegre: Artmed, 2007.